

A CIDMAR TEODORO PAIS

PAISAGENS EM CÂMBIO: PLURALIDADES DA *PLAZA DE MAYO*

Maria Fernanda Garbero de Aragão Ponzio (UERJ)

Andar por Buenos Aires é cruzar por espaços que, inevitavelmente, evocam Carlos Gardel, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Eva Perón, figuras que aparecem em nosso imaginário ao som dos melancólicos tangos de Astor Piazzolla e Aníbal Troilo, deambulando pelos paralelepípedos dos nostálgicos bairros de *San Telmo* e *La Boca*.

Essas paisagens imaginárias se agregam ainda aos charmosos símbolos portenhos expressos nos cafés, nas livrarias, no frio, ao criar um efeito aurático que transforma esse espaço num lugar “encantado” pela ideia de intelectualidade que dele se propaga. Essa imagem modificada do cenário adquire uma autonomia viável à crença de ingresso num mundo de “cultura”; uma paisagem que não se detém às modernas máquinas de fotografia digital. Elas interagem (e integram) com o imaginário de quem busca esse lugar.

Quando pensamos no ecletismo que o turismo oferece, Borges passa a transitar por paisagens reconfiguradas pelas presenças de resistência. *Recoleta*, *Palermo*, ruas *Florida* e *Corrientes* – espaços que convidam ao consumo estrangeiro – dividem a programação dos “*City tours*” com uma paisagem que requisita um olhar atento: a *Plaza de Mayo*.

Situada no centro político-econômico da capital argentina, essa praça nos conduz a alguns dos principais lugares a serem descobertos nessa imersão ao imaginário portenho: por ela, chegamos a *Montserrat*, *San Telmo*, *Caminito*, *La Boca*. Além de outros espaços, como *Puerto Madero*, rua *Corrientes* e à linha mais antiga de metrô, a “Linha A”, paisagens que corroboram para as estetizações operadas por um imaginário ávido pelo consumo de bens simbólicos e materiais.

Dentro dessa perspectiva, Buenos Aires nos convida a um passeio pelo tempo, que se desloca entre os séculos XXI e XIX. Percorrê-los é caminhar em busca de imagens e vivências que permeiam

o arquivo de imagens afetivas de quem deseja (re)conhecer um pedaço da Europa criado na América Latina.

Entretanto, sobre a *Plaza de Mayo*, cabe-nos ressaltar que, além de nos exigir um olhar atento em decorrência da história que se protagonizou nesse espaço, ela nos requer uma análise plural. A delimitação de seus 229,60 metros de comprimento por 95,20 metros de largura abriga paisagens simultâneas que dialogam e questionam a história oficial deste país. Mais de uma praça se desenha nessa paisagem imaginária: um cenário se converte em outros, modificados pela intervenção de personagens que compõem um quadro composto por distintos matizes e vozes.

No presente estudo, pretendemos analisar a *Plaza*²⁵ em seus múltiplos instantes de reconfiguração paisagística. Da *Plaza de Mayo* que estampa os folhetos de divulgação dos atrativos da capital portenha, passaremos às *Plazas* da socióloga argentina Silvia Sigal, quem considera três espaços dentro dos limites históricos que circundam esse lugar: o da Pátria, o Peronista e o das *Madres*, propostas teóricas que a autora desenvolve em seu livro *La Plaza de Mayo: una crónica* (2006). Ainda nos valendo das multiplicidades imagéticas que a *Plaza de Mayo* nos oferece, partiremos para outra paisagem que se desdobra deste *locus* de conjugação plural, permitindo-nos uma perspectiva de estudo compartivista com espaços que evocam a história, o testemunho, o trajeto e as estratégias estetizantes desse local. Daí, emerge a *Plaza* da Memória.

AS PLAZAS DE SILVIA SIGAL: UM PASSEIO “TRANSSECCULAR”

Ao escolhermos a *Plaza de Mayo* como objeto ao qual nos debruçaríamos na tentativa de entender melhor as representações simbólicas e imagéticas desenvolvidas neste espaço, mostrou-se cada vez mais urgente pensar na complexidade derivada das multiplicidades de sujeitos, tempos e narrativas que se inscrevem neste cenário. Em um mesmo dia, a *Plaza* adquire elementos que integram novas

²⁵ A partir deste momento, usaremos o vocábulo em espanhol a fim de conservarmos a imagem que esse espaço nos remete.

A CIDMAR TEODORO PAIS

cores e formas a um lugar que deixa sua fixidez para ser reconfigurado cotidianamente. Com efeito, nestes novos quadros, as paisagens desenhadas requisitam a diferença, característica singular que propõe uma análise capaz de ir além de 1810 – ano de sua última fundação – e, ao mesmo tempo, transbordar 2007, ano de nosso estudo. Transcendendo os tempos a que ela se restringe, um olhar que mira o passado e se projeta ao futuro para tentar entendê-lo é a proposta plural de estudo a que nos temos referido.

Dentro dessa perspectiva, o termo “trans-secular” nos ajuda a compreender tal tempo que se conjuga na líquida fronteira entre a ocupação do espaço público como instrumento de poder e, posteriormente, a contestação desse mesmo lugar como uma paisagem investida por manifestações de resistência.

Segundo a socióloga Silvia Sigal, a *Plaza de Mayo* sempre foi um cenário de poder por dois motivos: por ser um lugar no qual o povo iria reclamar suas aflições e necessidades, e porque as datas comemorativas do calendário pátrio sempre foram festejadas em seu espaço, com os sucessivos governos se apresentando e exibindo seu poder nestas festividades. Desde o princípio, antes de 25 de maio de 1810 – data que marca a Revolução de Mayo, momento em que se sucederam a Revolução, o que acontecia na Argentina se refletia nos cenários da *Plaza*, como vizinhos para pedir mudanças de governo, os levantes militares, as lutas entre federais e unitários, entre outros. . Além disso, em seu entorno, encontravam-se as sedes institucionais mais importantes: a Igreja Matriz, o Parlamento, a Corte Suprema e a Casa Rosada. Com o tempo, distintas transformações e traslados modificaram também as manifestações e os movimentos que se desenvolviam nesta cartografia de poder.

Diante da perspectiva dessa paisagem como um lugar de manifestações e protestos, é importante destacar que a *Plaza* não representa somente um espaço de contestação popular. Desde 1899 até pouco antes de 1930, ela foi um espaço que abrigou as reclamações de empresários do Centro Comercial e da União industrial, ratificando o seu aspecto plural ao conjugar num mesmo *locus* discursos opostos; em termos marxistas, opressores e oprimidos. Num olhar dia-

lético, a *Plaza* democratiza vozes que lutam em situações díspares para serem ouvidas.

Sentidos e usos distintos se sobrepõem numa situação que desestabiliza e confirma o poder investido em seu uso público. Entre essas diferenças de ocupação, a socióloga destaca as três *Plazas* que mais se incorporam ao arquivo imagético da nação: a das festividades pátrias, a do peronismo e a das *Madres*, ainda que existam outras que ela aceite como novas propostas de configuração deste território.

Sobre a data de 25 de maio de 1810, há a representação de uma transformação crucial na política da Argentina ainda colonial, referente ao momento em que há um pedido para que o povo se mantenha fiel à Espanha, que havia sido invadida pelos franceses. Durante uma semana de conflito, marcada nos dias entre 18 e 25 de maio, finalmente os *criollos*²⁶ se reúnem na *Plaza de Mayo* para saber o que acontecia, e é escolhida a “Primeira Junta” como governo pátrio, encabeçada Cornelio Saavedra.

Outra data importante é o dia 17 de outubro de 1945. Após várias crises governamentais internas que decorreram na renúncia de Perón, este aparece na varanda da casa de governo e fala para uma multidão de mais de 300.000 pessoas, que entoam fervorosamente um nacionalismo capaz de consagrar os efetivos laços entre o general Juan Domingos Perón e os trabalhadores, nascendo, assim, o “Peronismo”.

Por fim, há a presença das *Madres de Plaza de Mayo*, cujo primeiro registro é em abril de 1977, representando uma paisagem da qual falaremos mais detalhadamente em nossa análise acerca da *Plaza* da Memória. Escolhida neste recorte espaço-temporal como um marco histórico na compreensão simbólica da *Plaza*, a socióloga considera que a ocupação deste espaço pelas *Madres* representou um fenômeno sincrônico, ou seja, os protestos das *Madres* surgem junto com um movimento de entidade coletiva, no qual os testemunhos de mães, “ao insistir sobre sua diversidade social ou política, constroem uma unidade originária em torno de uma única reclamação” (Sigal, 2006, p. 330). A partir dessa unidade, emerge também o papel social

²⁶ Termo usado para os que nasceram na América Latina colonial.

A CIDMAR TEODORO PAIS

de *Madres*, requisitando um estudo atento à importância da presença política dessas mulheres.

Por mais distintas que sejam as razões que ocasionaram as mobilizações e a ocupação desse cenário público, fica-nos claro o laço que as une: ecoar uma voz reclamante às esferas de poder. Em uma perspectiva política de conflito, poderíamos citar também as multidões em 1982 (Guerra das Malvinas), e as revoltas e confrontos que marcaram os dias 19 e 20 de 2001 (período de intensa crise econômica e renúncia do presidente Fernando De la Rúa). Entretanto, para Silvia Sigal, as três praças desenhadas pelas paisagens de 1810, 1945 e 1977 são consideradas como importantes representações acerca do “imagético nacional”.

Corroborando com a pluralidade da *Plaza* – como um espaço público aberto –, ela pode, ainda, simbolizar diversos grupos, o que não é visto num espaço fechado, onde uma possível ideia de santuário exclui o que é típico da *Plaza de Mayo*: uma constelação de sentidos que coexistem em sua singularidade. Tal aspecto recupera a recorrência e a co-ocorrência das três datas supramencionadas, bem como as manifestações a que elas se referem.

Numa sobreposição pela ocupação desse espaço, as *Madres* adotam a *Plaza* como um território privilegiado, sem interferir no significado simbólico das *Plazas* peronista e patriótica. Perón, por outro lado, tenta colocar a massa de 1945 como herdeira dos revolucionários de 1810, uma estratégia populista que integra o ideal de nação próspera e vitoriosa, aproximando o líder político da convulsão popular que gritava por seu nome.

Além dos aspectos simbólicos que circundam e transbordam a paisagem desenhada pela atual *Plaza de Mayo*, o percurso arquitetônico a que hoje temos acesso passou por inúmeras transformações e redefinições. Neste momento, interessa-nos pensar nas modificações empreendidas neste espaço público, desde sua origem aos dias atuais, o que nos leva a uma viagem pelo tempo e nos faz “desembarcar” no século XVI.

Arqueologias transseculares

A *Plaza de Mayo* é tão antiga quanto a cidade. O colonizador espanhol Juan de Garay, quando fundou novamente²⁷ a *Ciudad de la Santísima Trinidad y Puerto de Nuestra Señora del Buen Ayre*, em 11 de junho de 1580, deixou traçado o lugar da *Plaza Mayor*. Neste espaço de múltiplos usos, eram realizadas as cerimônias religiosas e oficiais; encontrava-se um mercado, bem como um cenário para as corridas de touros, as execuções públicas e as demonstrações de castigo.

Mesmo sendo chamada de *Plaza Mayor*, seu espaço era bem menor do que o atual, pois em sua metade (onde hoje encontramos a Casa Rosada) estavam instalados os Jesuítas, de 1608 até 1665. Quando a ordem religiosa migrou para outro espaço, esta paisagem se transformou numa zona baldia, composta por restos de edificações, o que deu origem ao nome *Plaza de Armas* ou *Plaza del Mercado*, servido de palco para os enforcamentos que ali se praticavam como um mórbido espetáculo público.

Com o propósito de arrecadar impostos, em 1803 é construída uma galeria comercial com duas alas unidas por um arco central, a Recova, espaço pelo qual se cruzava a antiga praça de norte a sul. Assim, divide-se a *Plaza*. A macabra força passa a ocupar o arco central da galeria, donde as pessoas eram penduradas e expostas por várias horas, ilustrando o poder que ali se estabelecia.

Dividida em duas, de um lado encontrava-se a já mencionada *Plaza de Armas* e do outro a *Plaza Mayor* que, em 1808, depois da vitória sobre os ingleses (1806), passa a ser chamada de *Plaza de la Victoria*. Com a Revolução de *Mayo*, a parte que dava para o forte recebe o nome de *25 de Mayo*. Como um marco de consagração do poder constituído neste espaço, em 1811 é erguida, no centro da *Plaza de la Victoria*, a Pirâmide de Mayo, o primeiro monumento da cidade, possibilitando que Buenos Aires atue como “a heroína da festa, a dona de 25 de mayo e o laço com a América do Sul. Única pátria

²⁷ Segundo a história oficial, a cidade foi fundada pela primeira vez em 3 de fevereiro de 1536, por Pedro de Mendoza, com o nome de *Nuestra Señora del Buen Ayre*, sendo posteriormente abandonada.

A CIDMAR TEODORO PAIS

dos portenhos (...) inserindo-se numa identidade americana preexistente, operação facilitada pela inexistência de entidades intermediárias” (Sigal, 2006, p. 25).

Em 1883, por uma determinação do prefeito de Buenos Aires, Marcelo Torcuato de Alvear, a Recova é destruída em cinco dias, e as árvores que rodeavam a *Plaza* são retiradas. Com a demolição, unem-se as duas praças que passam a chamar *Plaza de Mayo*. Além das medidas do prefeito, também há as intervenções paisagísticas de Charles Thays (arquiteto francês que viveu na cidade de 1891 a 1934), com a construção de jardins. Vinte anos após a demolição da Recova, a planta-baixa desse cenário abrigará a primeira linha de metrô do país, levando a Argentina ao encontro da modernidade.

Ainda numa perspectiva de remodelação estético-imaginária do espaço público, amplia-se a calçada e são construídos passeios com 5 metros de largura, o que facilitaria a caminhada de pedestres que transitavam pela *Plaza* em 1929. A iluminação e o cuidado com a escolha do piso também são aspectos que se coadunam com as estratégias de transformação da paisagem urbana da cidade portenha, empreendimentos que lhe concedem, em 1942, o título de Patrimônio Histórico.

Em 1977, durante o período de ditadura militar, a *Plaza* conjuja a dominação, o poder e a resistência. Na tentativa de cessar as manifestações que marcaram o capital simbólico da *Plaza de Mayo*, são construídos pequenos jardins em seu centro, ocupando uma área de, aproximadamente, 3.000 m². Com efeito, neste novo projeto arquitetônico, as grandes agrupações, como as que marcaram outubro de 1945, teriam que se dispensar. Entretanto, isso não impedirá um agrupamento de 14 mães neste cenário para saber notícias de seus filhos desaparecidos. A *Plaza* é reivindicada pelas *Madres* que, com seus lenços brancos, exigem a verdade e redesenham o espaço público. Seus lenços, hoje, estão pintados ao redor da Pirâmide de Mayo, este símbolo mítico-fundacional que empresta sua paisagem todas as quintas-feiras, pontualmente às 15h30min, para dar passagem a vozes que clamam há 30 anos contra as opressões. Neste momento, a *Plaza* volta à voz reclamante de seu povo.

A PLAZA DA MEMÓRIA: LAS MADRES DE PLAZA DE MAYO

O estudo da *Plaza* e seu importante papel como um espaço onde as mães dos desaparecidos adquirem o papel político de *Madres*, em pleno regime ditatorial, coaduna-se com a necessidade de compreensão acerca do termo “memória”. A análise comparativa entre esse lugar de poder e o conceito nos demanda um olhar atento sobre o testemunho de corpos vitimados pela violência do Estado militar.

Em um percurso um pouco distinto ao da socióloga Silvia Sigal, optamos por pensar na *Plaza* das *Madres* como um espaço simbólico que surge pelo viés da memória. Esta exige reparações e ressemantiza a presença materna, ao atribuir-lhe a luta pela justiça e a conscientização política como um ponto de encontro com a memória de seus filhos detidos-desaparecidos.

Sem dúvida, esse espaço representa uma paisagem única para a constituição do movimento das *Madres*, cujo nome provém dele mesmo. Não são “mães” apenas; são as *Madres de Plaza de Mayo*, um termo com o valor semântico que nos remete à resistência, ao enfrentamento às leis ditatoriais e, reiteradamente, à memória.

Desta maneira, o passado surge como um tempo que permite a vivência do corpo, promovendo um diálogo com esse lugar onde o corpo se posiciona em combate. Sobrevivente, ele narra a história, resgata e dignifica os que caíram. Assim, o tempo, o discurso e a *Plaza* passam a simbolizar uma representatividade discursiva, na qual os atos do passado se metamorfoseiam num “lugar/problema de onde se assinalam os vazios das histórias oficiais (...)” (Achugar, 1996, p. 850).

Vítimas da orquestra macabra desempenhada pelo golpe de 1976, as *Madres*, com seus corpos ocupando o espaço público, passam a questionar as linhas da narrativa política argentina, cuja memória representa a operação de mecanismos de censura, rasura e exclusão. A história, nessa perspectiva de apagamento de suas fissuras, é reescrita “(...) com cada mudança do quadro governamental e pede que os leitores da enciclopédia eliminem por si mesmos aquelas páginas convertidas em indesejáveis.” (Todorov, 2000, p. 12).

A CIDMAR TEODORO PAIS

Através das estratégias de supressão e conservação, seleciona-se a memória escrita acerca desse tempo, artifício que tentará retirar de suas linhas as personagens que não podem pertencer ao imaginário de um país em paz (baseado no silêncio e na obediência), ao qualificar as *Madres* como subversivas, terroristas, loucas e inimigas da nação. Entretanto, as feridas seguem abertas, e a *Plaza* é o cenário onde elas serão expostas.

30 de abril de 1977 é a data da primeira agrupação das *Madres* na *Plaza de Mayo*. Desesperadas por notícias de seus entes desaparecidos, elas se reúnem nessa cartografia de poder na tentativa de entregar uma carta ao General Jorge Videla. Sem o embasamento político de seus filhos desaparecidos, essas mães – a maioria donas de casa, o que marca ainda mais a figura da esfera privada – queriam apenas saber o que se passava com o destino dos desaparecidos.

No livro *Las Locas de Plaza de Mayo* (1983), do jornalista francês Jean-Pierre Bousquet, podemos encontrar os primeiros relatos sobre a relação entre as mães e a *Plaza*, uma relação que surge da necessidade, *a priori*, de serem vistas. Composto por testemunhos, histórias e recortes de notícias oficiais, o livro apresenta uma passagem de 1977 que ilustra o mote daquelas reuniões semanais, encontros que decorrerão na formação do movimento *Madres de Plaza de Mayo*: “Nós não fazemos manifestações, viemos testemunhar nossa dor, tiraram nossos filhos, pedimos ao governo que nos diga onde estão, o que lhes passou” (Bousquet, 1983, p. 48).

Não sendo atendidas e, posteriormente, sendo reprimidas por seus semanais encontros na *Plaza*, elas vão tomando dimensão do perigo que representava o *pathos* entoado neste cenário fortemente marcado pela repressão. Entretanto, elas não se intimidam e o número de mães aumenta. O que a princípio era constituído por 14 mulheres cresce, tornando-se um movimento de mais de 200 personagens já investidas de seu papel político-social de *Madres*.

Nessa paisagem, inicialmente, a voz testemunhal das *Madres* se configura como o “*testis*, terceiro elemento na cena jurídica, capaz de *com-provar*, *certificar*, a verdade dos fatos” (Seligmann-Silva, 2004, p. 18). Ao serem reprimidas, será delas o importante dever de reconstituir os fatos, ao apresentar, com seus corpos vitimados pelas violentas estratégias de silenciamento, “uma textura do vivido em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

condições extremas, excepcionais” (Sarlo, 2007, p. 61). O desaparecimento de seus filhos possibilita, então, a emergência de mulheres que, forçosamente, abandonam a condição de testemunhas vicárias, representantes, para construírem um relato não das torturas do Estado militar, mas das artimanhas empreendidas contra a voz reclamante parida e ressemantizada pelo corpo inseputo.

Vivo nas memórias e nos ideais que constituem o movimento das *Madres*, o corpo que não foi abrigado na sepultura, simbolicamente caminha de braços dados a elas na *Plaza*. Nesse lugar de reencontro com os que não puderam testemunhar sobre os abusos ditatoriais, as *Madres* constroem relatos e reescrevem a história. É através do testemunho delas que os assassinos – de seus filhos e de outras *Madres* desaparecidas – poderão ser condenados, e a democracia se tornará (mais do que nunca) um direito baseado no “enraizamento de um princípio de reparação e justiça” (*Idem*, p. 47).

Livres da lógica masculina que opõe a razão ao desejo, o corpo dessas mulheres traz em sua imagem um arquivo afetivo presente na maternidade. Com efeito, o que vemos com a experiência do corpo em luta das *Madres* é um poder oriundo da transgressão, ao permitir-lhes atuar como uma força subversiva, contrária à hegemonia representada pela figura masculina do poder.

“Paridas por seus filhos”, elas são as portadoras de um legado às avessas. Em uma travessia análoga a de Antígona, as *Madres* desafiam o poder, entregando seu corpo à luta e resistindo aos “ditames do rei”. Na *Plaza*, elas se reúnem, marcham, rondam e protestam semanalmente. É nesse espaço também que, por mais de 25 anos, elas farão a “Marcha da Resistência”, um ato no qual seus corpos desfilam por 24 horas, ao redor da Pirâmide de *Mayo*, entoando a memória e a dor testemunha das violências e abusos do regime ditatorial. Uma cena que se torna parte da paisagem da *Plaza*.

Sobre a conquista desse espaço, é interessante reportarmonos a Ulisses Gorini, autor de *La rebelión de las Madres* (2006). Acerca da memória dos tempos de repressão, Ulisses recorda o que representou para elas, efetivamente, a ocupação (durante a primeira “Marcha da Resistência”, em 10/12/1981) dessa paisagem cujas múltiplas faces refletem o poder:

A CIDMAR TEODORO PAIS

Não foi fácil para estas mulheres, algumas já de idade avançada, levar adiante a iniciativa. A caminhada foi por si própria cansativa, mas, além disso, se tornou mais desgastante ainda pela pressão da polícia, pelo clima hostil – em algum momento começou uma intensa chuva sobre os manifestantes – e pela intimidação que sofreram durante a noite, quando apagaram as luzes da *Plaza* para tentar assustá-las. (...) Ao ver tudo o que ocorria, um jornalista francês, Jacques Deprés, disse às *Madres* algo que lhes pareceu dar um sentido a todo o terrível esforço que estavam fazendo: “Se vocês permanecem toda a noite, nunca poderão tirá-las da *Plaza* (Gorini, 2006, p. 481).

Essa perspectiva da *Plaza* das quintas-feiras, então, guarda em si uma sementeira que se desenvolveu nessa área baldia a que seu espaço pôde corresponder, por nele haver germinado um sentimento invencível, a atitude incompreensível, porém resistente das *Madres* reclamantes por seus filhos. Uma cultura do “ponto cego”, como a definiu Wolfgang Welsch (1995, p. 18), surge, semanalmente, às 15h e 30 min, numa paisagem que, além das mais diferentes formas de estetização, preserva em sua agenda um encontro com algo que lhe devolve um caráter genuíno. Esse espaço, conhecido como *Plaza de Mayo*, se redenomina para a cerimônia dos lenços brancos: é *La Plaza de Las Madres*, um cenário localizado na simbólica esquina entre Luta e Resistência.

CONCLUSÃO

Durante o nosso percurso investigativo pelos espaços da *Plaza de Mayo*, ficou-nos cada vez mais nítida sua “alephica” paisagem. Não há como compreendê-la sem os inevitáveis transcursores que tanto seu espaço quanto seu tempo nos propõe. Em seu território, conceitos elaborados, como memória; testemunho; estetização e representação discursiva de um imaginário afetivo se integram e interagem na constituição de um cenário marcado pelo câmbio constante de seus elementos cotidianos.

Ao término deste trabalho, resta-nos apenas a certeza de que seu caráter dentro de uma perspectiva de estudo da *Plaza* é mais um matiz que se agrega a uma grande constelação de sentidos e afetividades, desempenhados, vividos, espetacularizados e estetizados nesse *locus* de conjugação plural. Percorrê-lo é um convite ao leitor que

deseje compreender alguns dos inúmeros aspectos que transcendem a fixidez desta cartografia de poder e contestação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidad latinoamericana (a propósito de lugares, paisajes y territorios). **In:** *Revista Iberoamericana*, Vol. LXII, p. 845-861, 1996.

BOUSQUET, Jean-Pierre. *Las locas de Plaza de Mayo*. Buenos Aires: El Cid, 1983.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8ª ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

———. Outros Espaços. **In:** *Ditos & escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*, p. 411-422. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GORINI, Ulises. *La rebelión de las Madres. Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Tomo I (1976-1983). Buenos Aires: Norma, 2006.

MADRES DE PLAZA DE MAYO. *Cantos de vida, amor y libertad*. Buenos Aires: Rafael Cedeño, 1985.

———. *Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Buenos Aires: Asociación Madres de Plaza de Mayo, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Seix Barral, 2000.

———. *O laboratório do escritor*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 1994.

RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. **In:** *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, p. 733-744, 1996.

A CIDMAR TEODORO PAIS

SARLO, Beatriz. Política, ideología y figuración literaria. **In:** BALDERSTON, Daniel *et alii*. *Ficción y política: la narrativa argentina durante el proceso militar*. Buenos Aires: Alianza Estudio, 1987.

———. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

———. Argentina: nada será como antes. Trad. Sebastião Nascimento. **In:** *Novos Estudos CEBRAP*, nº 61, p. 41-56, nov. 2001.

———. *Tiempo presente. Notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2001.

———. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. As literaturas de testemunho e a tragédia: pensando algumas diferenças. **In:** FINNAZI-AGRÒ, Ettore e VECCHI, Roberto (org.). *Formas e mediações do trágico moderno. Uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco, 2004.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Tradução de Miguel Salazar. Buenos Aires: Paidós, 2000.

WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda ou A respeito da atualidade do estético. **In:** *Porto arte: Porto Alegre*, v. 6, nº 9, p. 7-22, maio de 1995.